ALMANACH PARA A CIDADE DA BAHIA, ANNO 1812 (Bahia. Na Typ. de Manoel Antônio da Silveira Serva. Com as devidas licenças necessárias). Conselho Estadual de Cultura. Secretaria de Educação e Cultura da Bahia. 1973. Edição facsimilar. 264 páginas. Impressão pela Empresa Gráfica da Bahia.

O Conselho Estadual de Cultura da Bahia publicou o *Almanach para a Cidade da Bahia, anno 1812* em edição facsimilar, com uma introdução de Renato Berbert de Castro.

Os almanaques são uma fonte primária de grande valor histórico, pelas informações valiosas que só eles possuem, como o calendário, dias de grande cortejo, os de audiência, a lista de reis e vice-reis, o corpo eclesiástico, militar, os tribunais, o Senado da Câmara, as várias repartições, o corpo do comércio,

os médicos, os professores, os negociantes, o comércio, as importações e exportações. Este Almanaque da Bahia de 1812 é extremamente raro e tudo faz crer a existência de um único exemplar na Academia de Ciências de Lisboa, do qual foi esta edição reproduzida.

Os almanaques eram publicados todos os anos, mas é rara a sobrevivência de exemplares. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro já reproduziu em sua *Revista,* sem o luxo desta edição, os Almanaques de 1790, 1870, 1811, 1817, 1825, 1827. O Almanaque Laemmert, a série mais regular e antiga no Brasil, circulou entre 1844-1930, e a Biblioteca Nacional possui uma coleção completa, como possui a do Garnier, outra coleção preciosa, e a de Gotha, que é uma suma da família dos almanaques. O Laemmert está hoje tão valorizado que este ano um antiquário pediu pelo de 1863 a quantia de 800 cruzeiros.

Dirigindo-se aos seus leitores, este *Almanach da Bahia de 1812* diz que "todos reconhecem que semelhantes manuais são de grande socorro para os negócios da vida". Úteis para a vida, e úteis para a história, benditos almanaques.

Este registra o Conde de Arcos como Vice-Rei em 1810, quando não mais havia Vice-Reis, e eles desde 1763 tinham sede no Rio de Janeiro. No corpo militar, Felisberto Caldeira Brant, o futuro marquês de Barbacena, aparece como brigadeiro, inspetor geral das tropas da capitania, e José Egídio Gordilho (Barbuda) é ainda capitão, como Felisberto Gomes Caldeira, ambos figuras destacadas da Independência, sendo que o primeiro muito ligado a D. Pedro I virá a ser 2º Visconde de Camamú. Enumera as forças de primeira linha e as milícias, onde já aparece na vila da Torre o coronel Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, mais tarde Barão da Torre de Garcia d'Avila, um dos grandes latifundiários baianos, irmão do futuro Visconde de Pirajá. Na Relação da Bahia é seu chanceler Antônio Luís Pereira da Cunha, futuro constituinte de 1823, ministro de estado, senador por Pernambuco, marquês de Inhambupe. Na secretaria do governo estava como secretário Francisco Elesbão Pires de Carvalho de Albuquerque, futuro membro da 2a. Junta da Bahia, em 1822, e da revolucionária de Cachoeira, latifundiário como seus irmãos, e futuro Barão de Jaguaribe.

Havia várias firmas de grande capital (declarado), e 165 negociantes, na sua maioria portugueses que depois tão formalmente se oporão à independência; havia 7 médicos, 43 cirurgiões aprovados, 18 professores de matemática, de anatomia, de cirurgia, de filosofia, de retórica, de gramática latina, de grego. Dentre estes distinguiam-se José da Silva Lisboa, futuro Visconde de Cairú, Francisco Carneiro de Campos, constituinte de 1823, um dos autores da Constituição de 1824, ministro e senador, e Luís dos Santos Vilhena, o grande autor do mais importante livro sobre o século dezoito no Brasil, *As Notícias*

Soteropolitanas e Brasílicas, escritas em 1802. Havia somente 9 professores de primeiras letras. Como se vê, foi sempre acentuada a desproporção entre os dois graus.

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

* *
*